



**NOTAS SOBRE ORAÇÕES EXISTENCIAIS, PARÂMETRO PRO-DROP E  
CONSTITUINTES LOCATIVOS NA HISTÓRIA DO  
PORTUGUÊS BRASILEIRO**

**ON EXISTENTIAL SENTENCES, PRO-DROP PARAMETER AND  
LOCATIVE CONSTITUENTS IN BRAZILIAN PORTUGUESE**

*Juanito Ornelas de Avelar<sup>1</sup>*

**Resumo**

Este estudo correlaciona a emergência de *ter* como o verbo existencial canônico do português brasileiro a mudanças relativas ao parâmetro pro-drop e ao licenciamento de constituintes locativos em posição de sujeito. O trabalho é baseado na observação de dados dos séculos XIX e XX e procura mostrar que o estatuto existencial de *ter* no português brasileiro deriva de restrições à interpretação de sujeitos nulos referenciais e a um processo de reanálise desencadeado pela presença de termos locativos em posição pré-verbal. O estudo também associa a tendência à supressão de *haver* ao fato de as orações com esse verbo não dispor de uma posição licenciadora de sujeito, uma propriedade requerida pelo novo estatuto pro-drop da língua.

**Palavras-chave:** Sentença existencial; Termos locativos; Posição de sujeito; Mudança paramétrica; Variação.

---

1 Universidade de Estocolmo e Universidade Estadual de Campinas. E-mail: [juanitoavelar@uol.com.br](mailto:juanitoavelar@uol.com.br).

*Recebido em: 26/10/2018*

*Aceito em: 12/11/2018*



A revista *Diadorim* utiliza uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/) (CC-BY-NC).

## Abstract

This study relates the emergence of *ter* as the canonical existential verb in Brazilian Portuguese to grammatical changes involving both the pro-drop parameter and the interpretation of locative constituents. Data from the 19th and the 20th Centuries are analyzed in order to show that the existential use of *ter* in Brazilian Portuguese results from two aspects: (a) constraints on the interpretation of definite null subjects and (b) reanalysis of *ter* triggered by the placement of locative phrases in preverbal position. The paper also relates the suppression of *haver* to the fact that such a verb does not project a syntactic position for subjects, a property required by the partial pro-drop status of Brazilian Portuguese.

**Keywords:** Existential sentence; Locative phrase; Subject position; Parametric change; Variation.

## 1. Introdução

De uma perspectiva diacrônica, uma questão de interesse no estudo das orações existenciais com *ter* é a de saber em que ponto da evolução da língua, e por quais razões, esse verbo passou a ser empregado como prototipicamente existencial, dando origem ao uso corrente que temos no português brasileiro atual. Até aqui, o que se pode afirmar com certeza é que, em fontes escritas, textos brasileiros do século XIX apresentam um conjunto de construções com *ter* que podem ser inequivocamente tratadas como existenciais, dispondo das mesmas propriedades que as identificadas nos dias de hoje. Por outro lado, os dados provenientes de épocas anteriores ao século XIX apresentados na literatura sobre o assunto não podem ser tratados como casos inequívocos de construções existenciais (ver SAMPAIO, 1978; MATTOS E SILVA, 1989, 1995, 1996, 2002; RIBEIRO, 1996; VIOTTI, 1998; ELEUTÉRIO, 2003). A maioria desses dados representa o que se pode chamar de *contextos opacos*, nos quais *ter* admite uma leitura tanto possessiva quanto existencial.

Neste artigo, apresento alguns aspectos relacionados ao uso de *ter* como verbo existencial, em particular no que tange ao papel desempenhado por alterações no parâmetro pro-drop pela presença de locativos em posição de sujeito no desencadeamento da mudança relevante. O presente estudo reapresenta alguns dos resultados publicados anteriormente em Avelar (2009abc, 2018) e Avelar & Callou (2007) sobre estruturas possessivo-existenciais, com base em dados coletados em *corpora* dos séculos XIX e XX que vêm sendo utilizados no âmbito do projeto PHPB (*Para a História do Português Brasileiro*). O trabalho vem dividido como se segue: na seção 2, abordo a superposição sintático-semântica entre as construções possessivas e existenciais com *ter* e destaco o papel dessa superposição no desencadeamento da mudança que conduziu a emergência desse verbo como o existencial canônico no português brasileiro, em correlação com propriedades da posição de sujeito das construções possessivas; na seção 3, focalizo mudanças atreladas ao parâmetro pro-drop e à colocação de constituintes locativos dentro de sentenças do português brasileiro, correlacionando-as com as alterações relevantes

em torno das construções com *ter*; o artigo é concluído na seção 4.

## 2. Superposições sintático-semânticas entre construções possessivas e existenciais

Dada a superposição semântico-discursiva do conteúdo veiculado pelas construções possessivas e existenciais em qualquer que seja a língua natural, as sentenças possessivas podem, em certos contextos, servir à expressão de existência, o que não quer dizer que, numa dada língua, o verbo possessivo tenha sido reanalisado como existencial pelos seus falantes. Nenhum dos trabalhos consultados na introdução deste artigo apresenta um conjunto significativo de dados que justifiquem considerar o uso inequívoco e/ou sistemático de *ter* como existencial em períodos anteriores ao século XIX, seja no Brasil, seja em Portugal. O que se apresenta, quase sempre, são dados esparsos, que, por uma confluência de fatores contextuais, podem receber interpretação existencial sem, contudo, excluir a leitura possessiva.

Especificamente no que concerne a fontes escritas produzidas no Brasil anteriormente ao século XIX, Eleutério (2003) apresenta dados do século XVII que se encaixam na situação descrita acima. São casos como os destacados entre colchetes nos excertos reproduzidos a seguir:

(1) ...e assim diserão **elles** doadores que tinhão e em cazatres crianças emgeitadas que **elles** criarão Manoel Jozeph Pascoal os quais emcomendão aos Religiozos se os herdeiros os tenhão debaixo de sua propteção e os dotrinem como filhos juntamente com os mamalucos forros que [ em **sua** caza **tem** ], em fé do qual assim o outrogarão... – texto notarial/1632

(2) e assim ia que não pode tratarse do passado deu ia a **SanctaCaza da Mizericordia** [...] ver as desconueniencias que [ **tinha** ] – texto notarial/1691

(3) O Padre Prior e mais Religiozos do conuento do Carmo desta çidade do Rio de Janeiro [dis] que ao ditto Convento deo em capella com obrigaçons de missas, e outros legados de **Pedro Luis Ferreira** huas terras que [ **tem** em o Rio Sorohy ] – texto notarial/1620

(4) pello dito Capitam Sebastião Mendes da Silveira me foi dito em prezensa delle testemunhas ao diante nomeadas e asignadas, que **elle** esta de posse paçifica do Emgenho e terras que [ **tinha** na guaratiba ] – texto notarial/1660

(5) O **Padre Prior e mais Religiozos do Conuento de Nossa Senhora do Carmo** [dis] que elles querem comesar as obras de **sua Igreja** o que he bem e honrra da **terra** por ser temple donde concorre toda a gente della e [ hora **tem** huã pedreira aberta em huma Ilha que esta no mar da Ilha de Sam Bento ] e hora se não sabe ter Senhor – texto notarial/1619

(Dados de textos notariais do século XVII, apresentados em Eleutério, 2003)

Como previamente ressaltado em Avelar (2018), se oferecermos às construções sublinhadas nos trechos em (1)-(5) um juízo de (a)gramaticalidade com base na gramática do português brasileiro contemporâneo, a interpretação preferencial (e, talvez para boa parte dos falantes, a interpretação única) é aquela em que *ter* é parte de uma oração existencial. Contudo, se apresentadas a falantes do português europeu contemporâneo, as mesmas construções serão interpretadas como casos de expressão possessiva. Notemos que é possível indicar um sujeito para *ter* em qualquer das orações destacadas: em (1), o possuidor de casa, referenciado pelos pronomes *elles* e *sua*; em (2), a Santa Casa de Misericórdia; em (3), Pedro Luís Ferreira; em (4), a pessoa referenciada pelo pronome *elle*; em (5), há três candidatos: *o Padre Prior e os mais Religiozos do Convento, sua Igreja e a terra*.

Essa mesma opacidade quanto ao caráter possessivo-existencial da oração com *ter* fica evidenciada pelo juízo de falantes do português brasileiro também quando diante de construções extraídas de amostras de fala do português europeu contemporâneo, em casos como o seguinte:

#### (6) PORTUGUÊS EUROPEU CONTEMPORÂNEO

...e depois fomos para **UMA TASCA**, meu, que era espectacular. então é **AQUELA TASCA** que eu já te contei, que era: tipo u[...], uma garagenzinha, estás a ver, e [ **tinha** uns bancos de madeira, tipo, umas tábuas de madeira em cima de tijolos ] (Apresentado em Avelar, 2018)

Em síntese: falantes de português europeu interpretam as orações com *ter* destacadas em (1)-(6) como possessivas, enquanto falantes de português brasileiro tendem a interpretá-las como existenciais. As restrições para o licenciamento de sujeito nulo no português brasileiro parecem ser a chave para compreender a atribuição generalizada de um estatuto existencial a frases com *ter* em contextos específicos. Como será destacado na próxima seção, o português brasileiro mostra, em sua história, uma redução drástica na frequência de sujeitos nulos referenciais (DUARTE, 1995), o que pode ser a causa (ou, pelo menos, uma delas) da dificuldade para interpretar como possessivas as construções com *ter* sem um constituinte nominal fonologicamente expresso no interior da oração.

Tendo isso em mente, para determinar o estatuto das construções com *ter*, é necessário saber se seus enunciadores eram providos de uma gramática mais próxima do português europeu ou do português brasileiro contemporâneos, no que diz respeito às propriedades do sujeito nulo. Até aqui, não há razões para crer que as condições necessárias às alterações no licenciamento de sujeito nulo, desencadeadas pela redução do paradigma verbo-flexional, estivessem em estágio

tão avançado no português do/no Brasil ao longo do século XVII, a ponto de a gramática dos falantes letrados em território brasileiro naquele período (que sequer sabemos se eram ou não nascidos no Brasil) produzir, em larga escala, construções inequivocamente impessoais com um verbo tipicamente possessivo. No que tange, portanto, às características do paradigma verbo-flexional e do sujeito nulo, o mais provável é que os falantes letrados em território brasileiro àquela época tivessem uma gramática muito mais próxima do português europeu contemporâneo do que da do português brasileiro. Por conta disso, os dados com *ter* em (1)-(6) devem ser analisados como ocorrências de sentenças possessivas, e não existenciais.

Podemos afirmar, portanto, que nenhum estudo apresentou, até agora, dados quantitativa e qualitativamente significativos que justifiquem considerar *ter* ter havido um uso sistemático de *ter* como existencial em fontes escritas anteriores ao século XIX. Ainda que as supostas ocorrências de *ter* como existencial em estágios anteriores do português, referidas nos trabalhos atualmente disponíveis, venham a ser comprovadas como orações que realmente serviam à expressão de existência, é inequívoco o fato de ser no português brasileiro que *ter* assume o posto de verbo existencial canônico, fruto de uma mudança que conduziu (ou vem conduzindo) à supressão de *haver* no mesmo contexto frásico. Nesse sentido, não há razões para acreditar que o emprego de *ter* como o existencial prototípico da língua tenha filiação no português europeu. A pergunta relevante, na qual a próxima seção irá se concentrar, é a de saber por que o verbo *ter* conquistou esse estatuto no português brasileiro, sem que o mesmo fato tenha tido paralelo no português europeu.

### 3. A emergência de *ter* como verbo existencial canônico do português brasileiro

Em Avelar (2018), são discutidos dois fatores que podem ter sido determinantes na consolidação de *ter* como o existencial canônico do português brasileiro: (a) as novas condições para o licenciamento e interpretação de sujeitos nulos, determinadas pela progressiva simplificação do paradigma flexional e (b) a emergência de novos padrões de inversão locativa, por meio dos quais sintagmas preposicionados locativos passaram a ser licenciados em posição de sujeito. Esta seção se ocupa desses dois fatores e procura mostrar como sua confluência pode ter determinado a mudança relevante.

#### 3.1. Efeitos do parâmetro *pro-drop* sobre a interpretação das construções possessivas

Como destacado na seção anterior, brasileiros tendem a interpretar orações com *ter* sem sujeito expresso como sentenças existenciais, enquanto portugueses oferecem às mesmas uma interpretação possessiva. Como já destacado em Avelar (2018), esse contraste pode estar radicado, em grande medida, nas diferenças relativas à marcação do parâmetro *pro-drop* entre as duas variedades do português: dadas as condições para o licenciamento de sujeitos nulos refe-

renciais, o português europeu apresenta propriedades que são típicas das línguas *pro-drop* canônicas (como o italiano e o espanhol), enquanto o português brasileiro tem sido caracterizado como uma língua *pro-drop* parcial, como o finlandês e o marathi (RODRIGUES, 2002; KATO, 2000; HOLMBERG, NAYADU & SHEEHAN, 2009)<sup>2</sup>. O que justifica o estabelecimento desse contraste são as fortes restrições ao licenciamento de sujeito nulo referencial na variedade brasileira, não atestadas na europeia. Em um estudo sobre o preenchimento da posição de sujeito nas duas variedades, com base em dados de fala, Duarte (1995) observa que o percentual de sujeitos nulos referenciais chega a 69% no português europeu contemporâneo (década de 80), mas não ultrapassa os 29% no português brasileiro. O excerto de fala apresentado pela autora, reproduzido em (7) a seguir, é representativo do que ocorre no português brasileiro: o pronome *ela* é realizado em todas as posições nas quais o sujeito e o tópico do discurso (*essa minha tia*) são correferentes; no português europeu, ao contrário, essas posições tenderiam a ocorrer com sujeitos nulos, tal como no excerto em (8), no qual todos os sujeitos na primeira pessoa do singular deixam de ser fonologicamente expressos nas posições identificadas como “Ø”.

#### (7) PORTUGUÊS BRASILEIRO

**Essa minha tia** que mora aqui, ela é solteirona e eu acho que ela é super-feliz, sabe? Eu não acho que ela seria feliz assim... Ela é uma pessoa que ajuda os outros pra caramba. Ela – isso é até um pouco de defeito – ela pensa muito mais nos outros do que nela, né. Mais eu acho que ela é uma pessoa feliz e tal, que não tem nada... É que a vida não ficou a dever, entendeu, nada. Foi uma opção dela ficar solteira. Ela não ficou solteira porque não apareceu pretendente. Ela ficou solteira porque ela quis. (DUARTE, 1995, p. 46)

#### (8) PORTUGUÊS EUROPEU

...porque me parecia uma coisa detestável, um problema grande de consciência, se amanhã como magistrado Ø viesse a verificar que Ø **tinha errado** ou que Ø **tinha julga-**

2 Na literatura atual sobre o parâmetro *pro-drop*, tem sido largamente assumida a seguinte classificação: *línguas não pro-drop* (como o inglês e o francês), que não admitem sujeitos nulos em orações finitas, a não ser em contextos específicos, como em estruturas coordenadas e sentenças com verbos no modo imperativo; *línguas radicalmente pro-drop* (como o chinês), que recorrem preferencialmente a sujeitos nulos, mesmo apresentando um paradigma verbo-flexional reduzido; *línguas canonicamente pro-drop* (como o português europeu, o espanhol e o italiano), que recorrem preferencialmente a sujeitos nulos, em lugar de sujeitos fonologicamente explícitos, em função de seu rico paradigma verbo-flexional; *línguas parcialmente pro-drop* (como o português brasileiro e o islandês), que, embora admitam sujeitos nulos, apresentam fortes restrições à sua realização. Para mais detalhes a respeito dessa divisão, vejam-se os trabalhos publicados na coletânea organizada por Biberauer *et al* (2010), em especial o trabalho de Holmberg (2010).

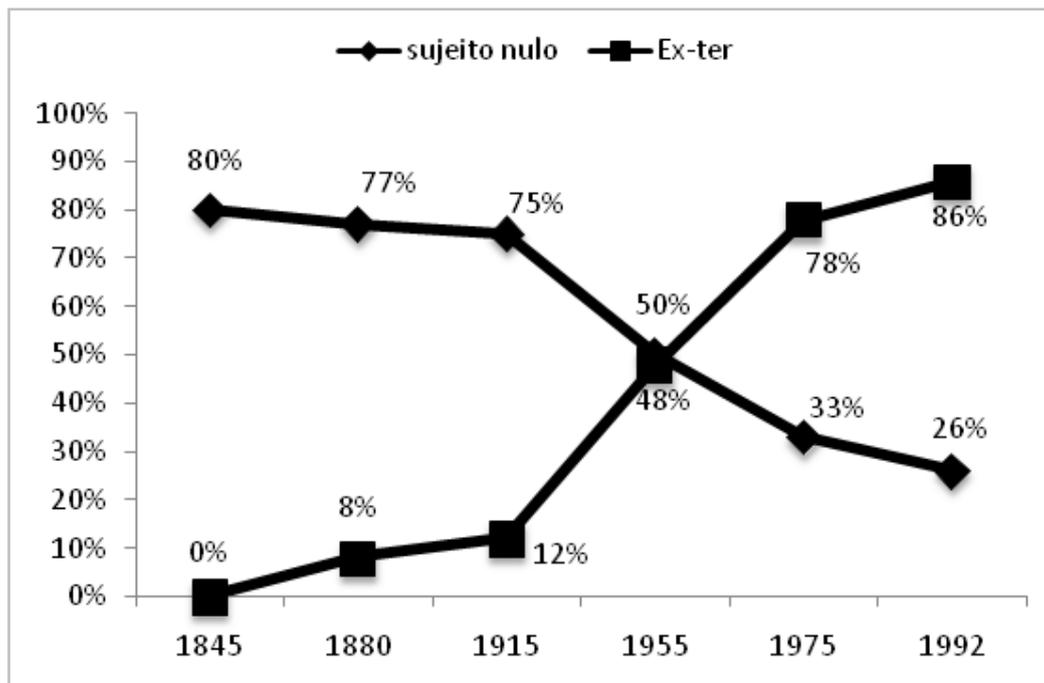
do mal, sobretudo se Ø **tivesse julgado** mal em prejuízo de alguém... Hoje Ø **gostava** de ser magistrado porque Ø **estou** convencido que Ø talvez **evitasse** mais injustiças como magistrado do que as que Ø **posso** evitar como advogado. (DUARTE, 1995, p. 11)

Vem sendo comumente aceito que a origem desse contraste no que tange à frequência de sujeitos nulos referenciais está na simplificação do paradigma verbo-flexional que teve lugar no português brasileiro. Essa simplificação segue ilustrada no Quadro em (9) a seguir: em comparação com o português europeu, cujo sistema flexional permite distinguir claramente as três pessoas do discurso, no singular e no plural, o português brasileiro apresenta um sistema reduzido em termos flexionais (tanto na variedade dita *padrão* quanto na *popular*), com a única distinção clara sendo observada na primeira pessoa do singular. Frente a essa simplificação, a expressão fonológica do sujeito passou a ser mais frequente do que no português europeu, uma vez que o paradigma flexional não consegue recuperar com facilidade o referente discursivo do sujeito. Segue daí a distinção entre o *estatuto canonicamente pro-drop* do português europeu, com baixa restrição à ocorrência de sujeitos nulos referenciais, ao *estatuto parcialmente pro-drop* do português brasileiro, em que sujeitos nulos referenciais ainda são licenciados, mas com fortes restrições.

(9)	PORTUGUÊS EUROPEU	PORTUGUÊS BRASILEIRO PADRÃO	PORTUGUÊS BRASILEIRO POPULAR
	eu falo	eu falo	eu falo
	tu falas	você/tu fala	você/tu fala
	ele fala	ele fala	ele fala
	nós falamos	a gente fala / nós falamos	a gente/nós fala
	vós falais / vocês falam	vocês falam	vocês fala
	eles falam	eles falam	eles fala

Retornando às orações possessivas e existenciais, é óbvio qual terá sido o efeito da simplificação do paradigma flexional (e suas consequências na interpretação do sujeito nulo) sobre as orações com *ter*: para falantes do português brasileiro, sentenças com *ter* sem um sujeito fonologicamente expresso não são facilmente associadas a um referente interpretado como *possuidor* que seja externo à oração, ao contrário do que se observa entre os falantes de português europeu. A questão relevante é saber por que, frente às mudanças no paradigma verbo-flexional e nas condições para o licenciamento de sujeitos nulos, os falantes passaram a atribuir uma interpretação existencial às orações em que não há um sujeito expresso para *ter*, em vez de fornecer a essas sentenças outra interpretação qualquer. Esse será o tópico da próxima seção, quando será abordada a inversão locativa. Por ora, é relevante salientar uma correlação quanti-

tativa que pode ser estabelecida entre a diminuição da frequência de sujeitos nulos e o aumento de orações existenciais com *ter* no decurso dos séculos XIX e XX. Essa correlação fica evidente na Figura 1 a seguir, que traz um panorama obtido a partir dos resultados apresentados em Duarte (1995) e Marins (2012), com base em peças teatrais brasileiras produzidas entre 1845 e 1992: o percentual de sujeitos nulos nas peças teatrais cai de 80% em 1845 para 26% em 1992, enquanto o das existenciais com *ter* vai de 0% a 86% no mesmo período. O paralelo entre a diminuição da frequência de sujeitos nulos e a ampliação da frequência de orações existenciais com *ter* é evidente, o que reforça a hipótese de que mudanças no parâmetro *pro-drop* afetaram a interpretação das construções com *ter* no português brasileiro, resultando no uso desse verbo como o existencial canônico da língua.



**Figura 1:** Frequência de sujeitos nulos e sentenças existenciais com *ter* em textos de peças de teatro no decurso dos séculos XIX e XX. Números baseados nos resultados apresentados em Duarte (1995) e Marins (2012).

Se esta hipótese a respeito da emergência de *ter* como o existencial canônico do português brasileiro estiver correta, há pelo menos duas questões que precisam ser respondidas: (i) por que a interpretação das orações com *ter* que não dispõem de um argumento externo resulta necessariamente na leitura existencial e (ii) por que a emergência de *ter* como existencial vem sendo acompanhada da supressão do verbo *haver* – em outras palavras, por que a alternância entre *ter* e *haver* não se fixou como uma variação estável, em vez de promover uma mudança em que as construções com *haver* vem deixando de ser realizadas. Essas duas questões serão abordadas a seguir.

### 3.2. O papel dos locativos na interpretação existencial das construções com *ter*

A relevância da primeira questão que encerra o tópico anterior – por que a interpretação das orações com *ter* sem um argumento externo produz a leitura existencial – se deve à observação de um fato largamente atestado no português brasileiro contemporâneo entre sentenças com certos tipos de verbo transitivo: na ausência de um argumento externo explícito, orações com os verbos relevantes são geralmente interpretadas como tendo um sujeito indeterminado (de referência genérica ou arbitrária). Essa propriedade é observada no excerto apresentado a seguir, que reproduz um trecho de fala extraído de uma entrevista: em negrito, vemos uma sequência de verbos transitivos (*faz, escolhe, lava, deixa*) cujo argumento externo não é fonologicamente explicitado, nem dispõe de um correferente com interpretação definida no contexto. Em todos esses casos, estamos de diante de sujeitos com referência genérica, que seriam normalmente sinalizados, no português europeu, pela realização do pronome *se* (*faz-se, escolhe-se, lava-se, deixa-se*). Cabe notar, nesse mesmo trecho, a ocorrência do pronome *você* com interpretação genérica, junto ao verbo *pegar* (...*você pega uma panela de pressão...*), estratégia cada vez mais frequente no português brasileiro para expressar a indeterminação referencial do sujeito.

(10) Falante A: Me diz passo a passo como é que **faz** um feijão.

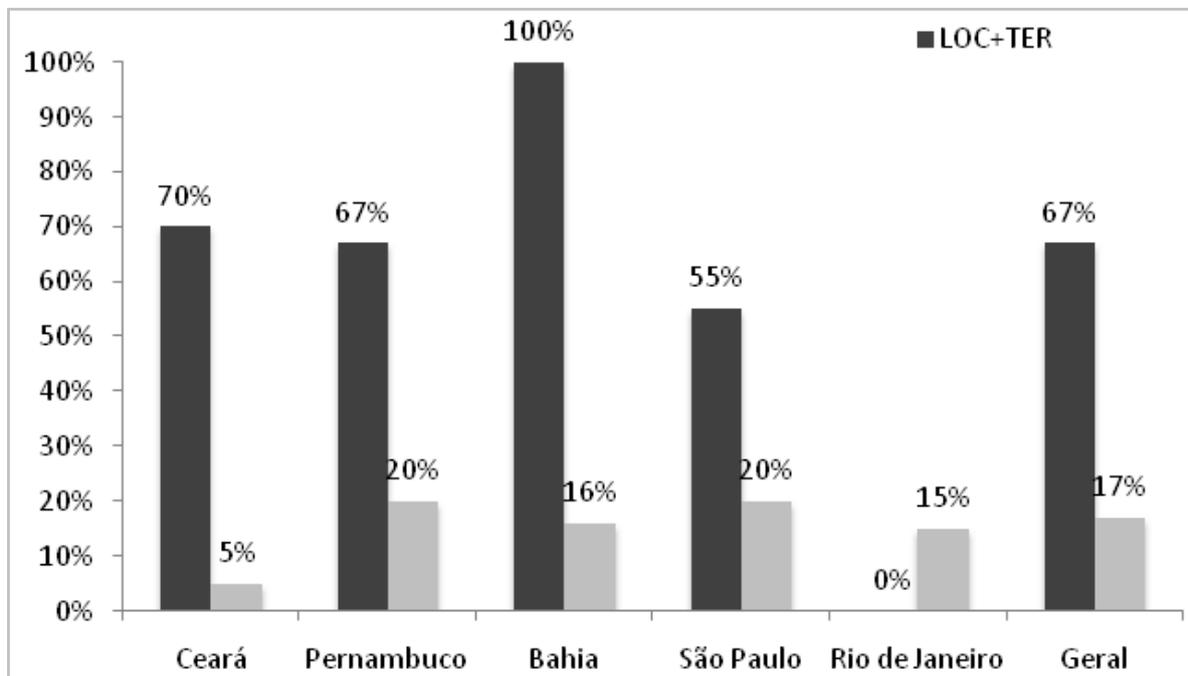
Falante B: É... **escolhe** ele, **lava, deixa** de molho, **deixa** uma hora de molho, aí depois – de um dia pro outro né? – aí de manhã VOCÊ **pega** uma panela de pressão, um pouquinho d'água, um de alho, um louro, cebola e o feijão e água, carne seca... e **deixa** cozinhar. (AVELAR & CALLOU, 2011, p. 254).

Voltando ao caso das construções com *ter*, devemos nos perguntar por que, na ausência de um sujeito referencial fonologicamente expresso ou recuperável discursivamente, as orações com esse verbo não são interpretadas como tendo um sujeito indeterminado, tal como as destacadas em (10) acima. Em outras palavras, por que construções do tipo *tinha livros no armário* não são interpretadas como tendo argumento externo (interpretado como possuidor) de referência genérica ou arbitrária, significando que *qualquer/alguma pessoa tinha livros no armário*?

Um possível ponto de partida para responder a essa questão está na observação de uma propriedade que salta aos olhos entre as orações existenciais com *ter* no período oitocentista: a ocorrência de constituintes locativos preposicionados imediatamente prepostos ao verbo – conforme destacado em Avelar (2018) a partir de dados coletados em anúncios de jornais do século XIX, 67% das orações existenciais com *ter* daquele período traziam um locativo em posição pré-verbal, como em (11) a seguir, enquanto entre as existenciais com *haver*, esse percentual era de apenas 17%.

- (11) a. [ Na primeira Prença] **tem** farinha de superior qualidade, vinda do Rio de Janeiro
- b. [ no livro ] já **tinha** recibos de quantias maiores
- c. [ Na loja de fazendas de Desiderio Antonio de Miranda, na rua da l'alma no 35 ], **tem** para vender um lindo e variado sortimento de fazendas francezas
- d. [ Na venda Chegao ao barato ]**tem** bom doce de marmelada e de goiaba.
- e. [ na casa ]**tem** muito commodo
- f. [ Na loje de fronte da Madre-Deos Número 20 ] **tem** para vender Rapé de superior qualidade
- g. [ na mesma Loje] **tem** para vender sapatos Francezes para homem a preso de 560 reais

A análise por região mostra que a alta frequência de locativos na posição pré-verbal das *Ex-ter* era uma tendência generalizada, conforme ilustrado na Figura 2: com exceção das amostras do Rio de Janeiro, que não mostraram casos de orações existenciais com *ter* entre os dados analisados em Avelar (2018), os locativos preposicionados pré-verbais são bastante frequentes entre as existenciais com o verbo possessivo, ao contrário do que se observa entre as existenciais com *haver*.



**Figura 2:** Frequência de locativos preposicionados pré-verbais em *Ex-ter* e *Ex-haver* em amostras de anúncios e cartas de leitor do português brasileiro oitocentista.

Na literatura sobre as orações existenciais dentro de diferentes correntes teóricas, é largamente destacada a relevância de constituintes com interpretação locativa na configuração sintático-semântica das sentenças que servem à expressão de existência (LYONS, 1967; CLARK, 1978; FREEZE, 1992; VIOTTI, 1999). Freeze, por exemplo, salienta que estruturas inerentemente estativas/copulativas adquirem uma leitura existencial quando constituintes locativos são licenciados na posição de sujeito dessas estruturas. A considerar o exposto pelo autor, trata-se de uma propriedade universal das línguas naturais, hipótese que pode ser corroborada pelo fato de que, em muitas línguas (talvez a maior parte delas), as sentenças existenciais são canonicamente produzidas com verbos copulativos – com *to be* em inglês e *essere* em italiano – que são acompanhados por itens de natureza locativa (no inglês e no italiano, a título de exemplo, vemos respectivamente os expletivos *there* e *ci*, ambos de base locativa).

Frente a esse quadro, se a hipótese de que os verbos possessivos resultam da combinação da cópula com um item relacional estiver correta (AVELAR, 2009bc), é possível explicar por que as sentenças nas quais *ter* é precedido de um constituinte locativo adquirem interpretação existencial, como nos exemplos em (11) do estágio oitocentista. À luz dessa assunção, constituintes locativos que entram na posição de sujeito do verbo *ter* estão, a rigor, entrando da posição de sujeito de uma estrutura copulativa, produzindo o resultado previsto por Freeze: estruturas dessa natureza adquirem interpretação existencial quando trazem locativos em posição de sujeito. Trata-se de uma consequência natural sob a hipótese de que o verbo *ter* resulta da combinação dos traços da cópula *estar* com a preposição *com*. A esse respeito, cabe observar que o português brasileiro, em contraste com o português europeu, mostra casos de orações existenciais com *estar com* como os apresentados em (12) a seguir, geralmente exibindo um constituinte locativo em posição pré-verbal, que pode ser identificada como sendo a posição de sujeito (AVELAR, 2009bc). Em síntese: uma vez que as orações possessivas com *ter* são inerentemente copulativas, não surpreende que a entrada de constituintes locativos na posição de sujeito dessas orações produzam a interpretação existencial, manifestando, ao que tudo indica, uma propriedade universal das línguas naturais.

- (12) a. “no avião **tá com** novas telas que tem acesso a wi-fi”
- b. “lá em casa **tá com** internet agora, de vez em quando de noite eu entro”
- c. “lá na praia **tá com** Net e td, vou entrar por lá, mas n com tanta frequência”
- d. “meu pai foi fritar o bife e na panela **tava com açúcar** e ele pensava que era gordura”
- e. “aqui no Rio **tá com** uma chuvinha bem gostosa e o tempo tá bem fresquinho”

Um aparente argumento contra essa análise é o fato de a presença de constituintes locativos não ser obrigatória na configuração de sentenças existenciais do português, seja nas

construções com *ter*, seja naquelas com *haver*. A esse respeito, é importante ressaltar que a previsão de Freeze não diz respeito à obrigatoriedade de constituintes locativos ocorrerem na posição de sujeito (ou em qualquer outra posição) no interior das estruturas copulativo-existenciais: a previsão correta, em termos empíricos, é a de que, se uma determinada estrutura de base copulativa admite constituintes locativos em posição de sujeito numa determinada língua, tal estrutura também admite a interpretação existencial nessa mesma língua. Daí resulta, pelo menos em parte, a principal diferença entre o português brasileiro e o português europeu no que diz respeito ao verbo *ter*: na variedade brasileira, mas não na europeia, *ter* admite locativos preposicionados em posição de sujeito, o que garante a esse verbo a possibilidade de receber a interpretação existencial.

Essa análise traz embutida uma outra questão: por que o português brasileiro admite constituintes locativos preposicionados na posição de sujeito de orações com *ter*, em oposição ao português europeu? Uma possível resposta passa por observar uma outra mudança sintática atrelada à posição de sujeito: constituintes não-argumentais podem ocupar essa posição no português brasileiro, mas não no português europeu (AVELAR & GALVES, 2011; TONIETTE, 2013; MORENO, 2014). Na esteira do pioneiro trabalho de Pontes (1987) a respeito do tópico no português brasileiro, diversos estudos têm chamado a atenção para o fato de essa variedade exibir propriedades das chamadas línguas *com proeminência de tópico* ou *orientadas ao discurso*, em oposição às chamadas *línguas orientadas ao sujeito* (GALVES, 1998; NEGRÃO, 1999; DUARTE & KATO, 2008; MODESTO, 2008; AVELAR & GALVES, 2011). Entre essas propriedades, está a possibilidade de constituintes não-argumentais com interpretação locativa (ou seja, constituintes que não são selecionados pelo verbo) ocuparem a posição de sujeito (em termos gerativistas, a posição de Spec-T/Infl). As construções em (a) de (13)-(16) a seguir foram apresentadas em Avelar e Galves (2013) como exemplos que mostram a entrada de constituintes locativos não-argumentais em posição de sujeito. Todos os casos apresentados são de construções em que um termo tradicionalmente analisado como adjunto adverbial ou complemento circunstancial/locativo ocorre em posição pré-verbal e concorda com o verbo. A correspondência do termo pré-verbal com essas funções é facilmente observada nas paráfrases em (b), nas quais o termo locativo é antecedido da preposição *em* ou *de*.

(13) a. “**algumas concessionárias** tão caindo o preço [do carro]”<sup>3</sup>

b. **Em** algumas concessionárias tá caindo o preço do carro.

(14) a. “apenas **3 desses cinco monitores** aparecem imagem, enquanto os outros dois ficam aparecendo a mensagem”<sup>4</sup>

3 <http://forum.carrosderua.com.br/index.php?showtopic=122656>, acesso em 11/07/2014.

4 <http://linuxeducacional.com/mod/forum/discuss.php?d=1587>, acesso em 11/07/2014.

b. Apenas **em 3 desses cinco monitores** aparece imagem, enquanto nos outros dois fica aparecendo a mensagem.

(15) a. “No interior de SP e do Rio, **algumas cidades** nevam”<sup>5</sup>

b. No interior de SP e do Rio, **em algumas cidades** neva.

(16) a. “**Meus seios** estão saindo água, com veias roxas e grossas saltitantes”<sup>6</sup>

b. **Dos/Nos** meus seios está saindo água.

Os dados apresentados em Avelar e Cyrino (2008) mostram que o oposto também pode ocorrer: constituintes argumentais podem ganhar uma preposição e permanecer no que parece ser a posição de sujeito, como nos casos em (a) de (17)-(23) a seguir. As paráfrases em (b) mostram que os constituintes preposicionados pré-verbais em (a) podem dispensar a preposição sem que isso aparentemente afete o sentido (em termos temáticos/semânticos) da construção.

(17) a. “**Na escola** ensina disciplinas, conceitos, idéias, princípios, relações dentro dos diferentes campos”<sup>7</sup>

b. **A escola** ensina disciplinas...

(18) a. “Quero saber se **no hospital** atende paciente de Jataí para fazer cirurgia”<sup>8</sup>

b. Quero saber se **o hospital** atende paciente de Jataí para fazer cirurgia.

(19) a. “**no ferro velho** compra e vende ferro, não plástico”<sup>9</sup>

b. **O ferro-velho** compra e vende ferro, não plástico.

(20) a. “O boleto venceu dia 25/07, como faço para pagar [se] **no banco** não recebe mais[?]”<sup>10</sup>

5 [http://www.youtube.com/all\\_comments?v=IIOPh-mITyc](http://www.youtube.com/all_comments?v=IIOPh-mITyc), acesso em 11/07/2014.

6 <http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20100719154841AAOC7HX>, acesso em 11/07/2014.

7 <http://www.slideshare.net/AdrianaPereiraNeriNeri/os-meios-na-escola-9123884>, acesso em 11/07/2014

8 <https://www.facebook.com/pages/Hospital-S%C3%A3o-Lucas-de-MineirosLtda/167040896690477>, acesso em 11/07/2014.

9 [http://www.g391.ru/video.php?yt=9QTc\\_Zy-KVo](http://www.g391.ru/video.php?yt=9QTc_Zy-KVo), acesso em 11/07/2014.

10 <https://www.google.se/search?q=%22no+banco+n%C3%A3o+recebe%22>, acesso em 11/07/2014

b. ...o **banco** não recebe mais.

(21) a. “**na** **minha escola** aceita cartão de crédito”<sup>11</sup>

b. **a minha escola** aceita cartão de crédito.

(22) a. “**no** **meu computador** imprime a etiqueta corretamente”<sup>12</sup>

b. **o meu computador** imprime a etiqueta corretamente.

(23) a. “**no** **meu carro** faz esse barulho de tuchos hidráulicos”<sup>13</sup>

b. **o meu carro** faz esse barulho de tuchos hidráulicos.

De acordo com Avelar e Galves (2011), tanto os dados em (13)-(16) quanto aqueles em (17)-(23) se devem ao fato de o português brasileiro ter experimentado um processo de mudança, sem paralelo no português europeu, que teve o seguinte efeito: a posição de sujeito deixou de ser destinada exclusivamente a constituintes argumentais que concordam com a flexão verbal e passou a poder abrigar tanto constituintes não-argumentais em concordância com o verbo quanto constituintes argumentais que, por já apresentarem marca de Caso (a preposição), não podem concordar com o verbo.<sup>14</sup>

Não é claro em que medida essas inovações relativas à entrada de termos *estranhos* na posição de sujeito podem estar correlacionadas à simplificação do paradigma verbo-flexional, tópico que, por si só, merece uma discussão mais ampla e foge aos objetivos deste artigo. O que merece ser destacado é que a alta frequência de constituintes locativos preposicionados em imediata precedência ao verbo *ter* nos dados do período oitocentista é, possivelmente, um reflexo dessas inovações. Tais inovações também se fazem ver, ainda que não de forma totalmente inequívoca, em outros dados levantados nas fontes do século XIX, como nos anúncios reproduzidos em (24) e (25) a seguir, que trazem os constituintes locativos relevantes destacados em

11 <https://twitter.com/giiovannaflores/status/18219596304>, acesso em 11/07/2014.

12 <http://www.suportegas.com.br/portal/topic.asp?>, acesso em 11/07/2014.

13 <http://www.vectraclub.com.br/forum/viewtopic.php?>, acesso em 11/07/2014.

14 Avelar & Galves (2011) argumentam, em termos formais, que essas duas consequências pode ser captadas pelo fato de o EPP de T(empo) no português brasileiro ser phi-independente, no sentido proposto em Holmberg (2010): Spec-T pode, nessa língua, ser criado para abrigar elementos que não concordam com os traços-phi presentes em T. No português europeu, bem como nas demais línguas românicas (da mesma forma que no inglês), o EPP de T(empo) é phi-dependente, o que implica que, nessa língua, Spec-T sempre abriga constituintes que desencadeiam concordância com a flexão verbal.

negrito.

(24) [19,2 A CE]

PHARMACIA MATTOS. 79 Rua do Commercio n. 79. Joaquim de Alencar Mattos declara aos seus numerosos freguezes, que tendo feito uma reforma em sua pharmacia, resolveu tambem fazer uma reforma geral nos preços de suas drogas, vendendo tudo mais barato e mesmo por preços sem competencia. [...] E finalmente avisa que **na referida pharmacia despacha** tudo com a maior prontidão e asseio e que avia se receitas a qualquer hora do dia ou da noite. Pharmacia Mattos. 79 rua do commercio n. 79. Baturité.

(25) [19,2 A CE]

CASA DE OURIVES — DE — Gonçalo José do Nasciment. 36 — RUA D’ASSEMBLEA — 36. **Nesta casa** prepara-se qual obra de ouro, de prata, tudo a gosto do freguez, a tempo e a hora. OURO GARANTIDO DE TODOS OS QUILATES. Tambem compra ouro velho por maior preço do que outro qualquer. 36 — Rua da Assembléa — 36.

Em (24), vemos um sintagma preposicionado locativo imediatamente precedente ao verbo *despachar* – “*na referida pharmacia despacha tudo com a maior prontidão*”. Observemos que, à primeira vista, há duas interpretações possíveis para essa construção: em uma delas, *despachar* tem um sujeito nulo correferencial ao proprietário da farmácia (Joaquim de Alencar Mattos), que seria a única leitura possível no português europeu; na outra interpretação, o sujeito do verbo *despachar* é o próprio termo preposicionado que antecede o verbo, leitura possível no português brasileiro contemporâneo. Um ponto favorável à ideia de que essa segunda interpretação já estava disponível no período em que o anúncio foi publicado é o fato de a oração com *despachar* ser coordenada com uma oração cujo verbo coocorre com o pronome se indefinido (*avia se receitas*), o que necessariamente bloqueia a leitura na qual o proprietário da farmácia possa ser tomado como sujeito de *aviar*. Frente ao requerimento de paralelismo que deve (ou, pelo menos, costuma) haver entre duas orações coordenadas, é provável que esse mesmo impedimento se aplique ao primeiro membro da coordenação, levando-nos a considerar que o termo *na referida pharmacia*, e não um pronome referencial nulo, esteja na posição de sujeito da oração com *despachar*. Em (25), é mais evidente que o termo locativo *nesta casa* está associado não apenas a *preparar-se*, mas também ao verbo *comprar*, no período subsequente.

A entrada de constituintes locativos na posição de sujeito de *ter* radica, portanto, num espectro maior de mudanças do português brasileiro, que envolve tanto os efeitos da simplificação do paradigma verbo-flexional quanto a possibilidade de constituintes locativos preposicionados

serem licenciados em posição de sujeito. No conjunto das orações com *ter*, essas mudanças tiveram como resultado a utilização da estrutura possessiva para expressar existência, pelas razões apontadas ao longo desta seção: como a oração possessiva com *ter* é inerentemente copular, a entrada de constituintes locativos na posição de sujeito dessas estruturas abre espaço a que as mesmas possam ser interpretadas como existenciais. Trata-se, segundo Freeze, de uma propriedade universal que entra em jogo na configuração das construções copulativo-existenciais.

#### **4. Considerações finais: Por que *ter* e *haver* não permaneceram em variação estável entre as orações existenciais?**

Pelo exposto até aqui, não fica claro, num primeiro momento, por que razão *ter* e *haver* não permaneceram em variação estável como verbos existenciais. Como destacado em Avelar (2006), o verbo *haver* vem caindo em franco desuso nas orações existenciais do português brasileiro, com seu emprego ficando restrito a contextos de uso formal da língua. A resposta para explicitar o porquê desse desuso possivelmente está no mesmo conjunto de fatores que resultaram na emergência de *ter* como verbo existencial: a restrição ao licenciamento de sujeitos nulos e a *pressão* para a entrada de constituintes locativos em posição de sujeito pode ter tornado o verbo *haver* um elemento que não se adequa às inovações atestadas no português brasileiro, uma vez que as orações com esse verbo são categoricamente impessoais. Em outras palavras, a posição de sujeito de *haver* não pode ser ocupada por nenhum elemento, em clara oposição às construções com *ter*, verbo inerentemente possessivo que traz em sua grade temática um *locus* para a recepção de argumentos externos.

Uma das inovações que têm chamado a atenção no português brasileiro contemporâneo é o uso cada vez mais frequente de orações existenciais em que o pronome *você* com referência genérica aparece realizado em posição de sujeito, como nas construções exemplificadas em (26) a seguir. Notemos ser esta uma propriedade observada apenas entre as construções existenciais com *ter*; nos casos com *haver*, tal como em (27), a introdução de *você* resulta em sentenças agramaticais. Avelar e Callou (2011) destacam que, na fala culta carioca, a frequência de *você* saltou de 2% na década de 70 para 20% na década de 90 do século XX. Esses números confirmam haver uma clara pressão do *sistema* à inserção de itens em posição de sujeito, fato que já se fazia presente entre as existenciais com *ter* na fase oitocentista, atestado pela alta frequência de constituintes locativos preposicionados em posição pré-verbal junto a esse verbo entre os dados do século XIX (ver os exemplos em (11) na seção anterior).

(26) não sei definir a arquitetura da Tijuca, que aí confunde um pouco com o Rio Comprido. Rio Comprido de repente cé tinha, Catumbi e, aí você tinha de repente uns sobrados, umas casas mais antigas né. A Tijuca já tem bastante prédio, e assim a parte de altos, não sei, não consigo, diferenciar uma arquitetura, específica. Aliás, eu não vejo, com exceção da Barra, né, que você tem aqueles, em geral, prédios baixinhos. (NURC-RJ 12 – DÉC. 90)

(27) a. \*Você havia Catumbi.

b. \*Você havia de repente uns sobrados.

c. \*Você há aqueles prédios baixinhos.

Em síntese, se a presente análise estiver no caminho correto, a variação entre *ter* e *haver* não permaneceu estável pelo fato de as inovações emergentes no português brasileiro privilegiarem estruturas que licenciam constituintes expressos em sua posição de sujeito. Uma vez que *haver* não atende a esse requisito, seu uso ficou (ou vem ficando cada vez mais) restrito a contextos formais de interlocução e à língua escrita, ao contrário de *ter*, que, pelas razões expostas, conquistou o posto de existencial canônico do vernáculo brasileiro.

## Referências

AVELAR, J. De verbo funcional a verbo substantivo: uma hipótese para a supressão de *haver* no português brasileiro. *Letras de Hoje*, v. 143, p. 49-74, 2006.

AVELAR, J. The status of the (supposed) expletive in Brazilian Portuguese existential clauses. In: TORR, D; WETZELS, L. (orgs.). *Romance languages and linguistic theory*. Amsterdam: John Benjamins, 2009a, p.17-32.

AVELAR, J. On the emergence of TER as na existential verb in Brazilian Portuguese. In: CRISMA, P.; LONGOBARDI, G. (orgs.). *Historical syntax and linguistic theory*. Oxford: Oxford University Press, 2009b. p.158-175.

AVELAR, J. The comitative-copular basis of possessive-existential constructions in Brazilian Portuguese. In: NUNES, J. (org.). *Minimalist essays on Brazilian Portuguese syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 2009c. p.139-160.

AVELAR, J. Sentenças possessivas e existenciais. In: CYRINO, S.; TORRES MORAIS, M. A. (orgs.). *História do Português Brasileiro – Mudança Sintática: perspectiva gerativista*, 2018. p. 72-149.

AVELAR, J.; CALLOU, D. Sentenças existenciais e preenchimento de sujeito: indícios de

mudança em progresso na fala culta carioca. In: SILVA, A.S.; TORRES, A.; GONÇALVES, M. (orgs.). *Línguas Pluricêntricas - Variação Linguística e Dimensões Sociocognitivas*. Braga: Aletheia, 2012. p.287-300.

AVELAR, J.; CALLOU, D. Sobre a emergência dos verbos possessivos em contextos existenciais no português brasileiro. In: CASTILHO, A.; CYRINO, S.; LOPES, R.; TORRES MORAIS, M.A. (orgs.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. Campinas: Pontes, 2007. p.375-402.

AVELAR, J.; CYRINO, S. Locativos preposicionados em posição de sujeito: uma possível contribuição das línguas Bantu à sintaxe do português brasileiro. *Linguística – Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, 3, p. 218-249, 2008.

AVELAR, J.; GALVES, C. Tópico e concordância em português brasileiro e português europeu. In: COSTA, A.; FALÉ, I.; BARBOSA, P. (orgs.). *Textos selecionados do XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, 2011, p. 49-65.

AVELAR, J.; GALVES, C. Concordância locativa no português brasileiro: questões para a hipótese do contato. In: MOURA, M.D.; SIBALDO, M. (eds.). *Para a história do Português Brasileiro*. Maceió: EdUFAL, 2013. p.103-132.

AVELAR, J.; GALVES, C. O papel das línguas africanas na emergência da gramática do português brasileiro. *Linguística – Revista da ALFAL*, 30(2), v. 30, n. 2, p. 239-286, 2014.

CLARK, E. Locational: existential, locative and possessive constructions. In: GREENBERG, J. (org.). *Universals of Human Languages*, v. 4, Syntax. Stanford: Stanford University Press, 1978. p.85-126.

DUARTE, M.E.L. *A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro*. 1995. Tese (Doutoramento em Linguística) – IEL/UNICAMP, Campinas.

DUARTE, M.E.L.; KATO, M. *Mudança paramétrica e orientação para o discurso*. Comunicação apresentada no XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Universidade do Minho, Braga, 20-22 de novembro, 2008.

ELEUTÉRIO, S. A variação TER/HAVER: documentos notariais do século XVII. Rio de Janeiro, UFRJ: 2003. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.

FREEZE, R. Existential and other locatives. *Language*, v. 68, p. 553-595, 1992.

GALVES, C. Tópicos, sujeitos, pronomes e concordância no português brasileiro. *Caderno de Estudos Linguísticos*, v. 34, p. 7-21, 1998.

HOLMBERG, A.; NAYADU, A.; SHEEHAN, M. *Three partial null subject languages: a comparison of Brazilian Portuguese, Finnish and Marathi*. *Studia Linguistica*, v. 63, p. 59-97, 2009.

KATO, M. The partial pro-drop nature and the restricted VS order in Brazilian Portuguese. In: KATO, M.; NEGRÃO, E. (eds.). *The null subject parameter in Brazilian Portuguese*. Frankfurt: Vervuert – Latino-Americana, 2000, p. 223-258.

LYONS, J. A Note on possessive, existential, and locative Sentences. *Foundations of Language*, v. 3, p. 390-396, 1967.

MARINS, J. As sentenças existenciais no português brasileiro: ecos da mudança na marcação paramétrica. In: DUARTE, M.E.L. (org.). *O sujeito em peças de teatro (1833-1992): estudos diacrônicos*. São Paulo: Parábola, 2012. p.83-100.

MATTOS E SILVA, R.V. *Estruturas trecentistas*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1989.

MATTOS E SILVA, R.V. Variação e mudança no português arcaico: “ter” ou “haver” em estruturas de posse. In: PEREIRA, C. da C.; PEREIRA, P.R.D. (orgs.). *Miscelânea de estudos lingüísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. p.299-311.

MATTOS E SILVA, R.V. A variação “haver/ter”. In: MATTOS E SILVA, R.V. (org.). *A Carta de Caminha: testemunho lingüístico de 1500*. Salvador: EDUFBa/UEFS/CNPq, 1996. p.181-194.

MATTOS E SILVA, R.V. Vitórias de “ter” sobre “haver” nos meados do século XVI: usos e teoria em João de Barros. In: MATTOS E SILVA, R.V.; MACHADO FILHO, A.V. (orgs.). *O português quinhentista: estudos lingüísticos*. Salvador: EDUFBA, 2002. p.119-142.

MODESTO, M. Topic prominence and null subjects. In: BIBERAUER, T. *The limits of syntactic variation*. Amsterdam: John Benjamins, 2008. p.375-409.

MORENO, B. *Tough-constructions e posição de sujeito no português brasileiro*. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) – IEL/UNICAMP, Campinas.

NEGRÃO, E. *Português brasileiro: uma língua voltada para o discurso*. São Paulo, USP, 1999. Tese (Livre Docência) – FFCLH/USP, São Paulo, 2005.

PONTES, E. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.

RIBEIRO, I. A formação dos tempos compostos: a evolução histórica das formas *ter*, *haver* e *ser*. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (orgs.). *Uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. p.343-386.

RODRIGUES, C. 2002. Morphology and null subjects in Brazilian Portuguese. In: LIGHTFOOT, D. (ed.). *Syntactic effects of morphological changes*. Oxford: Oxford University Press, 2002. p.160-178.

SAMPAIO, M.L.P. *Estudo diacrônico dos verbos “ter” e “haver”, duas formas em concorrência*. Assis: Negro, 1978.

TONIETTE, H. Concordância com sintagmas não-argumentais no português brasileiro. Campinas, UNICAMP, 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) – IEL/UNICAMP, Campinas, 2013.

VIOTTI, E. *Uma história sobre “ter” e “haver”*. Caderno de Estudos Lingüísticos, 34, p. 41-65, 1998.

VIOTTI, E. A sintaxe das sentenças existenciais no português do Brasil. São Paulo, USP, 1999. Tese (Doutorado em Linguística) – FFLCH/USP, São Paulo, 1999.

### **Sobre Dinah Callou — Juanito Ornelas de Avelar** <sup>15</sup>

---

15 Dinah Callou foi minha orientadora de iniciação científica entre 1997 e 2000. Desse período resulta uma colaboração que vem permitindo produzir uma série de trabalhos sobre as construções possessivo-existenciais na história do português. Foi dela a ideia, em 1998, de estudar a variação entre *ter* e *haver* em anúncios de jornais brasileiros do século XIX, proposta que não me agradava de imediato por me parecer, àquele momento, algo pouco instigante e sem grande desafio. Esse estudo sobre *ter* e *haver*, realizado há exatos vinte anos, é a base de toda a minha produção acadêmica posterior em torno dos mais diferentes tópicos de análise sintática a que eu tenho me dedicado. Qualquer coisa que eu escreva neste espaço será sempre muito pouco para agradecer à Dinah todo o cuidado, seriedade e empenho dedicados à minha formação como pesquisador e professor.